

Dossiê

“Educação de surdos:
Uma questão do nosso tempo”



DOSSIÊ

**EDUCAÇÃO DE SURDOS:
UMA QUESTÃO DO NOSSO TEMPO**

ORGANIZADORAS

LUCYENNE MATOS DA COSTA VIEIRA-MACHADO (UFES)
KEILA CARDOSO TEIXEIRA (UFES)

A surdez é uma invenção⁴ do nosso tempo e ao nos ocupar dela nos mobilizamos a procurar na nossa “caixa de pandora” aberta, as memórias mais profundas e espalhar nesta área, uma certa desordem ao olhar a surdez por perspectivas distintas.

Aparentemente invenção e memória são oxímoros. Contudo, quando elas se tornam matéria-prima, pode-se perceber que a capacidade de inventar é quase dar visibilidade a aquilo que não se vê e que já circulam como verdades nos discursos. Assim, a partir da ação de reme-

⁴ LOPES, M. C. *Surdez & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

xer na caixa aberta das memórias, um resgate histórico cria as condições de produção desses discursos.

Enfim, sendo a surdez uma invenção do nosso tempo, os autores que se desafiam a remexer na “caixa de Pandora” de suas produções e exporem aqui suas concepções criam um verdadeiro encontro potente de diferentes perspectivas sobre ela.

Deste modo, discutir sobre a in/exclusão dos sujeitos surdos no espaço da educação é uma questão primordial e contemporânea. Por isso é fundamental problematizarmos linguagens comumente utilizadas para localizar a discussão sobre o sujeito surdo e como ele tem se inscrito no contexto educacional e social.

Segundo Biesta (20013), pensar uma outra linguagem para a educação é condição para um trabalho docente comprometido e responsável. De acordo com o autor a educação é condição de humanidade, afinal, *ser humano* é também uma questão educacional. Assim, a educação seja das crianças, dos adultos, dos outros *recém-chegados*, é sempre uma intervenção na vida de alguém.

Destarte, partindo da ideia de que a linguagem, este texto pretende dar às costas a ideia de linguagem como espelho da realidade. Portanto, a educação de surdos e propriamente as pessoas surdas, são discursivamente criadas em nossa contemporaneidade, como uma educação bilíngue e sujeitos surdos bilíngues.

Enfim, que tipo de educação e aprendizagem estão sendo proporcionadas ao aluno surdo? Como olhamos para esse aluno? Que estranho é esse que chega ali e convoca o professor a ter uma atitude responsiva e responsável? Que estranho é esse que convoca o mestre a estabelecer uma confiança sem fundamento (BIESTA, 2013)?

Na esteira dessa discussão, acreditamos que a educação de surdos pode e deve ser discutida por meio de diferentes linguagens, a partir de diferentes perspectivas teóricas, com análises de diferentes grupos de pesquisa que traduzem diferentes formas de pensar a educação desses sujeitos.

Iniciamos essa caminhada na sessão temática pela perspectiva da Linguística Aplicada. Contamos aqui com o artigo da profa. Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado em parceria com o prof. Leonardo

Lúcio Vieira-Machado intitulado “*Preciso aprender palavras*”: *políticas e práticas de ensino de Língua Portuguesa para surdos usuários de Língua Brasileira de Sinais*. O texto objetiva discutir um assunto tão caro e necessário em nosso tempo que é o ensino de LP como L2 para surdos. Afirmarções como: “Não sei palavras”, “Preciso aprender palavras” mobilizam os autores a repensarem o ensino de Língua Portuguesa e a partir de aulas construídas especificamente para estes sujeitos recorrem a prática de ensino de LP pelo viés da Semântica.

Já o artigo intitulado: *Refletindo sobre a surdez em espaços não-hegemônicos*, as professoras Aline de Menezes Bregonci e Denise Meyrelles, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), partem da perspectiva de Boaventura de Souza Santos para tratar das questões políticas educacionais para surdos. Tem como objetivo discutir a construção da educação de surdos em espaços outros por meio das noções de Espaços não-hegemônicos e Justiça Cognitiva.

No texto *Leitura e tradução: duas faces da mesma tarefa na educação de surdos*, a profa. Neiva de Aquino Albres, da Universidade Federal de Santa Catarina, discute aspectos constitutivos do processo de leitura de português por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) por surdos, em educação bilíngue. Pontua como a tradução pode ser usada de maneira positiva no ensino de português escrito para surdos. A autora conduz suas questões a partir da abordagem bakhtiniana.

Ainda na esteira de Bakhtin, as profas. Raquel E. Saes Quiles, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, e Cristina B. F. Lacerda, da Universidade Federal de São Carlos, com o texto intitulado: *Educação de surdos em Mato Grosso do Sul: retratos atuais*, objetivam apresentar um panorama da educação de surdos no estado de Mato Grosso do Sul (MS), visando o entendimento da realidade educacional atual, que tem se pautado pelo advento da educação inclusiva. Destarte, por meio das discussões das autoras, outro olhar teórico-metodológico pode atravessar os debates atuais sobre as políticas educacionais bilíngues para surdos.

A partir de análises realizadas com inspiração nos estudos foucaultianos, a professora Vanessa Regina de Oliveira Martins, da Universidade Federal de São Carlos, em parceria com a professora Lilian

Cristine Ribeiro do Nascimento objetivam problematizar o momento atual de luta pela ressignificação de práticas bilíngues no campo da educação como direito. O trabalho dos intérpretes de Língua de Sinais entram na pauta do dia das práticas bilíngues e relações com o professor e aluno surdo. O artigo leva o título *Educação de surdos e as resistências na atualidade: diálogos necessários sobre a educação e a função de intérpretes educacionais*.

Ainda na esteira de Foucault, as profas. Adriana da Silva Thoma e Bianca Ribeiro Pontin, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no artigo intitulado: *Discursos e processos de normalização dos sujeitos surdos por meio de próteses auditivas nas políticas de governo da atualidade*, objetivam responder a seguinte pergunta: *Quais discursos sobre surdez, surdos e próteses auditivas estão presentes nas políticas de governo da atualidade e como esses discursos produzem processos de normalização do sujeito surdo?* As autoras buscam mostrar com os dados da pesquisa, que os discursos analisados constituem sujeitos novos, assim como contribuem para a condução e normalização dos sujeitos surdos na Contemporaneidade por meio de estratégias disciplinares e biopolíticas.

E por fim, a profa. Keila Cardoso Teixeira, da Universidade Federal do Espírito Santo, finaliza o arco foucaultiano, com o artigo intitulado *Ressonâncias da inclusão: a surdez como diferença – possibilidade(s) de mudança no contexto inclusivo*. Neste estudo, a autora procura evidenciar uma determinada discursividade sob a qual se efetua a constituição do indivíduo surdo e a institucionalização da surdez. Parte do princípio que o discurso é uma amálgama de vários discursos no qual estão impressos outros que o constituíram.

Encerramos essa apresentação, reafirmando que esta sessão temática tem como objetivo pensar a educação bilíngue para surdos como uma invenção discursiva do nosso tempo. E mesmo que todas as autoras e autores buscassem revirar o interior da “caixa de Pandora”, a fim de inventar/pensar a surdez por diferentes percursos teórico-metodológicos, o fio vermelho que os atravessa é a grade de inteligibilidade da inclusão, que marca as práticas educacionais contemporâneas denominadas bilíngues para os sujeitos surdos.

E é justamente no interior dessa trama que habita nossos espaços/tempos de formação e discussão. Longe de buscar consensos, o objetivo principal desse conjunto de trabalhos é abordar por meio de diferentes linguagens e teorizações as possibilidades de atualizar nossas questões sobre a surdez e sobre a educação e surdos.

